



Pistas da consciência sociolinguística no uso de palavrões em uma obra literária

Clues of sociolinguistic awareness in the use of profanity profanity in a literary work

Keila Vasconcelos Menezes¹

Universidade Federal de Sergipe (UFS), São Cristóvão, Sergipe, Brasil.

keilamenezes95@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-5787-4460>

Resumo: Os palavrões são marcas linguísticas alvo de forte estigma social. Os falantes monitoram seus usos linguísticos a depender de seu interlocutor (BELL, 1984), e observando o monitoramento linguístico de um mesmo falante em duas situações distintas, podemos acessar a sua consciência sociolinguística. Este estudo é de natureza qualitativa e quantitativa e observa o uso de palavrões para construir as *personas* sociais em duas versões de uma mesma obra. Comparamos a frequência de palavrões em uma versão manuscrita e na versão publicada de *Feijão de Cego*, de Vladimir Carvalho, e analisamos os comentários metalinguísticos presentes nas falas das personagens. Os resultados evidenciam a consciência sociolinguística do autor, que retrata, nos diálogos de suas personagens, juízos valorativos de estigma acerca do uso de palavrões. Já o monitoramento linguístico se destaca através da significativa diminuição e/ou retirada de palavrões na versão publicada da obra, substituindo-os por lexias menos estigmatizadas. Com isso, constatamos que os efeitos de monitoramento linguístico são passíveis de observação não só em corpora orais, mas também no texto literário, onde há a busca por uma polidez linguística, de modo a aproximar-se de seu interlocutor (o público leitor).

Palavras-chave: sociolinguística; texto literário; monitoramento linguístico.

Abstract: Swear words are subject to strong social stigma. Speakers monitor their linguistic uses depending on their interlocutor (BELL, 1984), and by observing the linguistic monitoring of the same speaker in two different situations, we can access his/her sociolinguistic awareness. This study is qualitative and quantitative in nature and

¹ Mestre em Letras pela Universidade Federal de Sergipe. São Cristóvão, SE, Brasil. A autora declara não existir conflitos de interesse neste trabalho.

observes the use of profanity to build social *personas* in two versions of the same book. We compared the frequency of profanity in a handwritten version and in the published version of *Feijão de Cego*, by Vladimir Carvalho, and analyzed the metalinguistic comments present in the characters' speech. The results show the sociolinguistic awareness of the author, who portrays, in the dialogues of his characters, evaluative judgments of stigma about the use of profanity. On the other hand, linguistic monitoring stands out through the significant reduction and/or removal of profanity in the published version of the work, in which swearwords are replaced with less stigmatized lexias. Thus, we found that the effects of linguistic monitoring can be observed not only in oral corpora, but also in literary texts, in which there is a tendency towards linguistic politeness, in order to get closer to its interlocutor (the reader public).

Keywords: sociolinguistics; literary text; linguistic monitoring.

Recebido em 25 de outubro de 2022.

Aceito em 27 de maio de 2023.

1 Introdução

Comumente, ao falarmos de monitoramento linguístico, direcionamos nossa atenção à fala. Neste artigo, no entanto, tomamos como objeto de análise uma obra literária, e observamos, através da comparação da frequência de palavras em sua versão manuscrita, (menos monitorada) e publicada (que terá como interlocutor o público leitor), como é manifestada a consciência sociolinguística de um escritor ao manipular lexias alvo de forte estigma social. *Feijão de Cego* é uma obra publicada em 2009 e composta por 33 contos, escritos entre 2002 e 2006, por Vladimir Souza Carvalho: juiz, historiador, poeta, folclorista e escritor. Com enredos que envolvem histórias pitorescas e humorísticas e temas mais sérios que tratam de mazelas sociais, o autor delinea um ambiente de organização tipicamente interiorano, com personagens que, através de seus ofícios, linguagem e comportamento diante das mais variadas situações, transparecem a simplicidade da vida em ambientes afastados dos grandes centros urbanos.

Embora sejam caracterizados como contos sergipanos, como aponta o subtítulo da obra, *Feijão de Cego* tem a cidade de Itabaiana/SE

como palco para uma quantidade expressiva de contos (onze ao todo). Os demais situam-se em cidades interioranas de Sergipe, sendo apenas quatro deles localizados em Aracaju. O autor, Vladimir Souza Carvalho, é um itabaianense aficionado às suas origens, dedicando parte de sua vida à composição de livros sobre a cidade, onde registra a história e aspectos culturais de Itabaiana.

A linguagem do narrador e das personagens é permeada por marcas de oralidade, entre as quais se observam expressões regionais, frases-feitas e ditados populares, bem como construções sintáticas que se aproximam de uma realidade falada e são, por vezes, similares à sua realização fonética. No entanto, o aspecto linguístico que mais se destaca é o uso frequente e específico de palavrões, a exemplo de *diabo*, *peste*, *puta*, *cabrunco*, entre outros, sendo alguns deles comuns à região² (FREITAG, SANTOS, SANTOS, 2009; SOARES, 2011).

Uma vez que os palavrões são alvo de forte estigma social e nos foi disponibilizada uma versão manuscrita da obra pelo autor, temos a oportunidade de observar os efeitos de monitoramento e de estilo do autor na construção da obra: o que passa e o que fica no processo entre o manuscrito e a publicação pode nos dar pistas de como os elementos linguísticos são avaliados socialmente pela comunidade, por meio do acesso à consciência sociolinguística do autor.

Para isso, em uma análise qualitativa e quantitativa, comparamos a frequência dos palavrões na versão manuscrita e no texto publicado, além de trazermos, para discussão, comentários metalinguísticos nos quais estão presentes atitudes valorativas de estigma sobre o uso de palavrões. Em relação à metalinguagem, vale ressaltar que embora o foco de nossa discussão sejam os palavrões, consideramos em nossa análise outros aspectos que, somados às atitudes valorativas de estigma sobre o uso de palavrões, fornecem-nos subsídios para melhor compreender e acessar a consciência sociolinguística do autor.

Os resultados evidenciaram os efeitos do monitoramento linguístico do autor acerca do uso de lexias na obra, através da diminuição exponencial de palavrões na versão publicada. Destacaram-

² Na seção referente à metalinguagem presente na obra, discorreremos acerca da ausência do palavrão *fió do canso*, reconhecido como marca linguística itabaianense (FREITAG, SANTOS, SANTOS, 2009; SOARES, 2011), e as prováveis motivações para tal fenômeno.

se *diabo* e *peste*³ que apresentavam frequência de 30 e 24 na versão manuscrita, respectivamente, e foram reduzidas a 01 e 02. Os comentários metalinguísticos nos forneceram valiosas reflexões acerca da representação de valores e crenças sociais imputadas aos palavrões, que, associados a outros atributos também sujeitos à avaliação social, são desprestigiados socialmente, a exemplo do caso observado no conto *Perdão*, no qual o narrador-personagem, ao descrever seus filhos com a finalidade de diferenciá-los, associa a linguagem culta de seu filho Vambério à educação e à inteligência, ao passo que a linguagem de seus demais filhos, permeada de usos estigmatizados entre os quais estão os palavrões, é associada a outros atributos físicos e morais, tais como a falta de higiene e educação, e utilizada como argumento para destacar seus aspectos negativos.

2 Aspectos teóricos

Em um sentido mais amplo, a observação do monitoramento está ancorada na Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH, LABOV, HERZOG, [1968] 2006), especificamente quanto ao problema da implementação, que entende a mudança linguística como resultado tanto de fatores sociais como estruturais da língua, e também quanto ao problema da avaliação, ao observar o comportamento de pistas linguísticas que o autor conscientemente escolheu para a construção das *personas* de seus contos, bem como as avaliações valorativas de estigma evidenciadas através da metalinguagem presente nas falas de algumas personagens, e dos efeitos do monitoramento linguístico observados a partir da alteração na frequência das *lexias*⁴ presentes nas versões manuscrita e publicada de *Feijão de Cego*. Esse monitoramento revela a consciência sociolinguística do autor, e acerca desta, Freitag (2016, p.2) destaca que “o prestígio ou estigma de um traço linguístico depende da maior ou menor consciência do falante sobre a avaliação social da regra”.

³ Trataremos, na sessão de aspectos metodológicos, acerca dos critérios para a seleção e agrupamento de palavrões.

⁴ Embora citemos, neste trabalho, pesquisas que fazem uso de *termo* para referenciar palavrões, optamos por assumir uma perspectiva semelhante à adotada por Orsi (2011) de referência de palavrões como *lexias*, uma vez que estas são definidas por Pottier (1975) como unidades lexicais memorizadas.

Ela afirma que são poucos os estudos de percepção sociolinguística, e que esse aspecto comumente é analisado através da estratificação sociodemográfica do uso de variáveis. Para Freitag (2021, p. 3):

[p]or um lado, existe uma consciência sociolinguística popular: as explicações, explanações e as crenças sobre as relações entre língua e contexto social feitas por não especialistas. Por outro, age a força do prescritivismo, conjunto de práticas metalinguísticas normativas, com foco no valor de correção, no uso “correto”, de acordo com a norma codificada na gramática. Enquanto o prescritivismo tenta se amparar em modelos científicos, a consciência sociolinguística popular é ignorada pela ciência.

Em *Feijão de Cego*, essa “consciência sociolinguística popular” se materializa através dos comentários metalinguísticos que, presentes na fala de personagens, revelam os palavrões como lexias relacionadas a determinados tipos sociais e sujeitos a uma avaliação valorativa de estigma, coexistindo e atuando em conjunto com uma série de fatores relacionados ao enredo e aos valores e crenças. Nesse sentido,

[...] a linguagem, os mitos e os costumes são vistos como manifestações da alma e nos oferecem material para ser analisado e compreendido na regularidade psicológica entre o pensamento individual e as relações sociais. A língua, do ponto de vista cognitivo, apreende as experiências cotidianas dos falantes e as organiza no processamento mental. (PINHEIRO, MENEZES, FREITAG, 2020, p. 247)

Entendemos, então, que as palavras-tabu têm efeito no processamento linguístico, e, ao observarmos os comentários metalinguísticos presentes na obra e compararmos a frequência de uso de palavrões na versão menos e mais monitorada de um mesmo texto, poderemos acessar a consciência sociolinguística do autor, que reverbera padrões da comunidade representados na construção das *personas* sociais.

As *personas* sociais são construídas a partir de escolhas estilísticas realizadas por um escritor, enquanto indivíduo que traz consigo valores e repertórios. No caso específico do autor de Itabaiana, destacamos o uso de palavrões: estes são oriundos das comunidades de práticas das quais o escritor faz parte, mas cujo uso é monitorado na obra em virtude de seu interlocutor, o que é evidenciado pelas diferenças de frequência na versão manuscrita, menos monitorada, e na versão publicada, resultante

de um processo de revisão. Dessa forma, a representação de *personas* sociais em uma obra literária, principalmente quando se dá a partir de formas linguísticas sujeitas a um estigma social e carregadas de crenças e significações a elas associadas, como os palavrões, é influenciada de forma significativa tanto pelos próprios valores e crenças do autor, como de seu público, uma vez que há o monitoramento do uso de traços linguísticos na obra de modo a não causar um afastamento do leitor.

Entendemos, com isso, que a variação estilística, sob a abordagem da terceira onda da sociolinguística, “coloca os falantes não tão passivos e estáveis portadores de dialeto, mas como agentes estilísticos, adaptando estilos linguísticos em curso e projetados ao longo da vida de autoconstrução e diferenciação” (ECKERT, 2012, p. 97-98, tradução nossa)⁵, uma vez que a seleção dos traços linguísticos é resultado de um conjunto de valores e crenças tanto do falante (no caso, o autor), como do público pretendido.

A respeito do conceito de *persona*, Eckert (2008) chama a atenção para o caráter ideológico que permeia a linguagem, cuja indexicalidade constituiria um campo de possíveis significados a uma variável. A autora caracteriza o estilo da *persona* como o fator mais importante na abordagem do significado da variação e aponta a ideologia como estando no centro da prática estilística, uma vez que as escolhas estilísticas de um falante decorrem de uma interpretação e posicionamento em relação ao mundo social. O falante traz consigo valores e atitudes linguísticas, sobretudo sobre traços linguísticos estigmatizados, que, no caso de nosso estudo de um texto literário em uma versão menos e mais monitorada, são evidenciados através da frequência dos palavrões e dos comentários metalinguísticos que permeiam os diálogos das personagens.

3 Método

Para sustentar a abordagem que considera a literatura como fonte de dados sociolinguísticos, tomamos os pressupostos de Preti (1987) acerca da representação da língua oral em textos escritos.

⁵ “The emphasis on stylistic practice in the third wave places speakers not as passive and stable carriers of dialect, but as stylistic agents, tailoring linguistic styles in ongoing and lifelong projects of self-construction and differentiation.” (ECKERT, 2012, p. 97-98).

Seguimos uma orientação metodológica que envolve a observação da utilização de marcas linguísticas como uma ferramenta de construção de *personas* sociais, como realizado por Correia (2022) em sua pesquisa sobre a obra *Histórias de minha Infância*, de Gilberto Amado. Em um caminho semelhante ao trilhado por Generali (2011), que analisou o monitoramento linguístico através da comparação entre diferentes materiais de um mesmo falante, comparamos a utilização de palavras em duas versões de um mesmo texto. Além disso, direcionamos um tratamento quantitativo para as marcas linguísticas estudadas através do cálculo de frequência, como observamos em Cambraia e Marengo (2016) em seus estudos referentes a linguagens de especialidade em documentos militares portugueses pertencentes aos séculos XVIII e XIX. Para isso, utilizamos o pacote tidytext da plataforma R (R CORE TEAM 2022), que possibilita desenvolver vários tipos de análises estatísticas em textos, estando entre elas o cálculo de frequência de termos.

Uma vez que nosso objeto principal de estudo reside nos palavras presentes nos diálogos de *Feijão de Cego*, faz-se necessário discorrermos brevemente acerca dos critérios utilizados para a seleção das lexias. O conceito de palavra é complexo de ser definido, pois o que caracteriza um termo como um palavra varia de acordo com os códigos sociais impostos à linguagem (SWINGLER, 2016). Embora haja uma profunda discussão teórica acerca do assunto, a natureza deste trabalho não nos permite explorarmos com densidade essa questão. Nesse sentido, apoiamos-nos nos posicionamentos de Sandmann (1992), cujo escopo é bastante abrangente ao incluir na classe dos palavras as lexias pertencentes a campos semânticos entre os quais estão a sexualidade, como *bicha*, *veado*, *cornos*, *puta* e *galinha*; a religião, a exemplo de *desgraçado* e *diabo*; a idade, como *coroa*, *fedelho*; além de aspectos relacionados à higiene e à fisiologia humana, como *porco*, *cagão*; nomes de animais atribuídos ao ser humano, como *cavalo*, entre outros.

Desse modo, consideramos em nossa análise as lexias sujeitas a uma desaprovação social em virtude de seu caráter de palavras-tabu, sendo relacionadas à sexualidade e aspectos fisiológicos, termos religiosos (profanos) e doenças, a exemplo de *safado*, *diabo* e *peste*, respectivamente. Uma vez que para Orsi (2011, p. 240), “os palavras podem ser definidos também como injúrias, que são, por definição, um atentado a outrem, uma ofensa”, consideramos palavras comuns, quando utilizadas para fins ofensivos, como *cachorra*, *cadela* e *galinha*.

Para a contagem de frequências para fins de generalização estatística, como a apresentada nos gráficos 1 e 2 e no Quadro 1, foram consideradas todas as ocorrências, inclusive o sexo, como entradas únicas. Para melhor visualizarmos a frequência de lexias que, mesmo apresentando sentidos distintos e funções diversas na linguagem, de algum modo relacionam-se entre si, a exemplo de *puta*, *filho/filha da puta*, *puta que pariu* e *beco das putas*, bem como *peste* e *filho/fi da peste*, entre outras, as organizamos em conjunto, não seguindo, nesses casos específicos, o critério de ordem alfabética.

Por fim, a fim de compreendermos a representação de valores e crenças referente ao uso de palavrões nos diálogos da obra em estudo, selecionamos excertos que trazem comentários e avaliações sobre a língua, e analisamos qualitativamente as posições e valores evidenciados pelas personagens envolvidas, observando como os palavrões são sujeitos a avaliações valorativas de estigma e relacionando tais atitudes linguísticas com outros aspectos sociais das personagens.

4 Os efeitos do monitoramento linguístico na construção de personas em *Feijão de Cego*

Realizada essa explicação introdutória, com dados gerais da obra e discussão das teorias e dos métodos sobre os quais nos pautamos para este estudo, partimos, agora, para os resultados. No quadro 1, reunimos as lexias encontradas:

QUADRO 1 – Palavrões presentes na obra *Feijão de Cego*

Palavrões presentes na obra *Feijão de Cego*

	Palavrão	Versão manuscrita: 176	Versão publicada: 110
1	Arrombar	0	1
2	Bexiga	0	1
3	Bexiguento	0	1
4	Bandido	1	1
5	Bandida	1	1
6	Cagando	1	1
7	Cão	2	1

8	Cadela	2	2
9	Cachorro	7	6
10	Cachorra	2	5
11	Corno	4	6
12	Cu	1	0
13	Cabrunco	1	1
14	Filho/fio do cabrunco	2	1
15	Filha/fia do cabrunco	1	1
16	Comer	1	0
17	Diabo	27	1
18	Diabo a quatro	2	0
19	Diacho	1	0
20	Estrompar	2	2
21	Estrupício	1	1
22	Filho de uma égua	3	3
23	Filha de uma égua	2	1
24	Fuleira	2	1
25	Fia do satanás	1	1
26	Filho da mãe	0	1
27	Galinha	0	2
28	Gota	1	2
29	Inferno	4	4
30	Infernal	1	1
31	Lascar (vá se lascar)	0	1
32	Merda	3	1
33	Merdinha	1	1
34	Otário	1	1
35	Putanheiro	2	1
36	Putá	7	0
37	Filho da puta	4	1
38	Filha da puta	1	0
39	Putá que pariu	3	0
40	Puto da vida	0	1
41	Beco das putas	3	3

42	Porra	7	0
43	Porrinha	1	1
44	Porretildo	0	1
45	Peste	21	2
46	Filho/fi da peste	3	0
47	Penima	0	1
48	Pau	2	1
49	Rabo	1	1
50	Rapariga	8	9
51	Safado	16	13
52	Safada	4	7
53	Safadeza	1	1
54	Cara safada	2	2
55	Urubu	1	1
56	Vagabundo	1	2
57	Vagabunda	2	2
58	Vaca	0	1
59	Veado (viado)	8	6

Fonte: Elaboração própria

Conforme demonstrado no Quadro 1, ocorre uma redução significativa de ocorrências de palavrões do manuscrito (176) para a versão publicada (110). Os dados nos mostram como, em uma escrita menos monitorada, tais marcas linguísticas são expressas com maior frequência, sendo filtradas à medida que passam pelo processo de revisão para a versão de publicação, que será acessada pelo público. Esses dados corroboram os postulados de Swingler (2016), segundo o qual, uma vez que o falante é julgado pelo uso de palavrões, este tende a regular seus usos em virtude do interlocutor:

Em síntese, se sabemos (ou acreditamos) que nosso ouvinte costuma usar palavrões, podemos decidir usar esse tipo de linguagem a fim de convergirmos melhor com ele. Por outro lado, se acreditamos que o nosso ouvinte não se sente confortável ao ouvir palavrões, provavelmente evitaremos o seu uso, dependendo de nossos objetivos. Reconhecemos, assim, que o que acreditamos saber sobre as atitudes do nosso ouvinte com relação ao uso de

palavrões, influenciará sobremaneira a nossa decisão de usá-los (ou não) em nossas interações sociais. (SWINGLER, 2016, p. 37)

No caso de nosso objeto de estudo, temos um autor que modifica usos linguísticos em virtude do público leitor. A diversidade das lexias na obra é maior na versão publicada: palavrões que eram bastante frequentes na versão escrita menos monitorada foram, em muitos casos, retirados e/ou substituídos. Isso ocorre com maior intensidade nas lexias em destaque no quadro 1, sendo elas: (i) *peste e filho/fio da peste*, que, juntas, somavam 24 ocorrências no texto e passaram para apenas duas na versão publicada; (ii) *diabo* e relacionadas (de 30 para 1); e *puta* e relacionadas (de 18 para 5). No último caso, vale ressaltar que, das 5 ocorrências restantes, três delas dizem respeito a *beco das putas*, que, na narrativa, assume a função de topônimo, sendo referência a um local específico. Além disso, a lexia *porra*, encontrada sete vezes na versão manuscrita, foi totalmente retirada da versão publicada, de forma semelhante a *comer*, e *cu*, encontradas apenas uma vez mesma na versão menos monitorada e sendo retiradas do texto publicado. Para Silva (2022, p. 6), “As forças invisíveis circundadas pelo tabu censuram a linguagem e motivam uma modificação dessa linguagem a depender do contexto, seja para adequação às normas moralistas, seja para a sua transgressão [...]”. Em *Feijão de Cego*, temos uma modificação para fins de adequação, e esse processo de substituição de formas pode ser explicado por um forte julgamento social negativo atribuído aos palavrões. Em relação à *peste*, trata-se de uma doença; *diabo* diz respeito a um ser bastante temido em um país de forte cultura judaico-cristã; *comer* e *cu*, por sua vez, revelam-se como palavras consideradas bastante chulas, relacionadas à prática sexual; e *puta*⁶, que, embora possua significado semelhante à *cachorra*, teve sua frequência de uso reduzida na versão final, diferentemente desta última, o que reforça uma maior avaliação negativa do primeiro uso em comparação ao segundo.

Os fenômenos observados, como a supressão e/ou diminuição de determinadas lexias, bem como a diminuição expressiva dos palavrões na versão publicada, revelam o tabu linguístico e como este reflete no processo de escrita do autor. O tabu linguístico diz respeito às palavras alvo de forte avaliação social negativa e que, portanto, são evitadas em alguns contextos (PINHEIRO; MENEZES; FREITAG, 2020, p. 250). Dessa forma, a maior diversidade encontrada na versão publicada se deve

⁶ A respeito da lexia “puta” e suas significações, conferir: Maior ([1979] 2010, p.96).

às tentativas, por parte do autor, de substituir lexias de maior avaliação social negativa por lexias menos avaliadas negativamente.

Observemos alguns excertos que exemplificam a retirada e/ou substituição de determinadas lexias:

(01) – Ora, e eu lá vi cachorro nenhum na frente do meu carro! Você acha que eu ia matar um bicho desse de propósito? Pois não é que o **diabo**, para meu azar, passou por baixo do pneu traseiro, do lado direito, naquela rua apertada, depois da minha [...]. (CARVALHO, s/d, *O valor do cão da rapariga do cabo* manuscrito, grifo nosso)

(02) – Ora, e eu lá vi cachorro nenhum na frente do meu carro! Você acha que eu ia matar um bicho desse de propósito? Pois não é que o **filho da mãe**, para meu azar, passou por baixo do pneu traseiro, do lado direito, naquela rua apertada, depois da minha [...]. (CARVALHO, 2009, p.133, *O valor do cão da rapariga do cabo*, grifo nosso).

Em uma escrita menos monitorada, referente ao texto manuscrito, o autor confere à fala da personagem Etelvino o uso da lexia *diabo* para referir-se ao cão que havia atropelado acidentalmente e causado sua prisão. No entanto, o palavrão é substituído, na versão publicada, por *filho da mãe*, uma forma “menos pesada”, que pode ser utilizada em ambientes familiares (MAIOR ([1979] 2010, p.97); e, de acordo com usuários do dicionário InFormal, uma “forma eufêmica” de expressões como *filho da puta*⁷. Nos excertos 03 e 04, temos mais um caso de substituição de palavrões, onde *filho da peste* é substituído por *filho da gota*.

(03) – Você casa é com meu revólver, **filho da peste**, e atirei nas suas buchas, na cara, bem na boca, para não me dizer mais nenhum desaforo. (CARVALHO, s/d, *Júri de vítima viva*, manuscrito, grifo nosso)

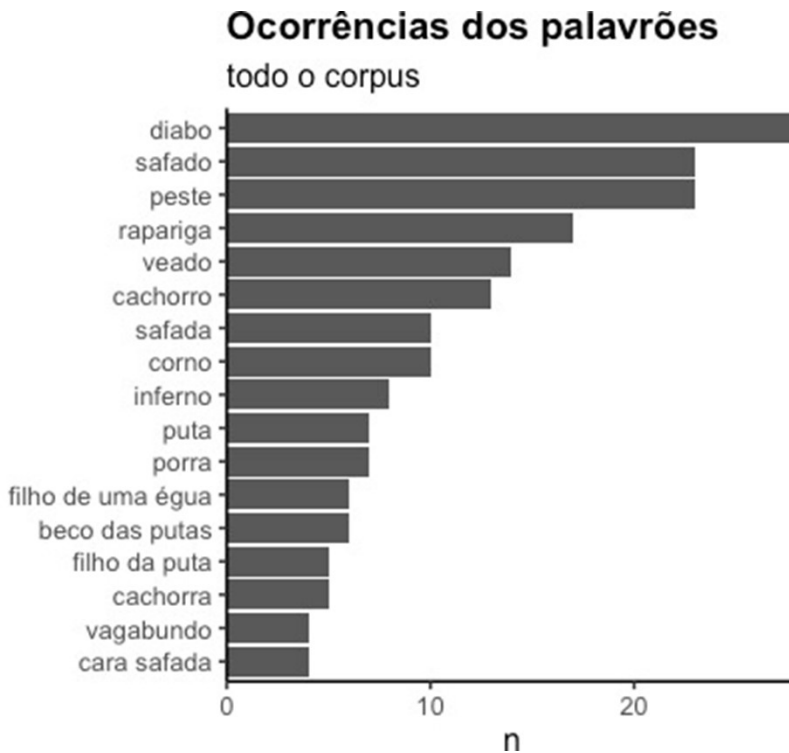
(04) – Você casa é com meu revólver, **filho da gota**, e atirei nas suas buchas, na cara, bem na boca, para não me dizer mais nenhum

⁷ <https://www.dicionarioinformal.com.br/filho%20da%20m%C3%A3e/>. Acesso em: 15 de Julho de 2022.

desaforo. (CARVALHO, 2009, p. 19, *Júri de vítima viva*, grifo nosso)

A fala da personagem Manilton, que narra como lidou com o caso de um homem que desrespeitara uma de suas filhas, é modificada especificamente no palavrão utilizado. Conforme observado no Quadro 1, *diabo e peste* são lexias com grande frequência de utilização na versão manuscrita, ao passo que no texto publicado, sua presença nos contos cai de forma expressiva. No Gráfico 1, temos os palavrões mais frequentes em todo o *corpus* (versão manuscrita + versão publicada):

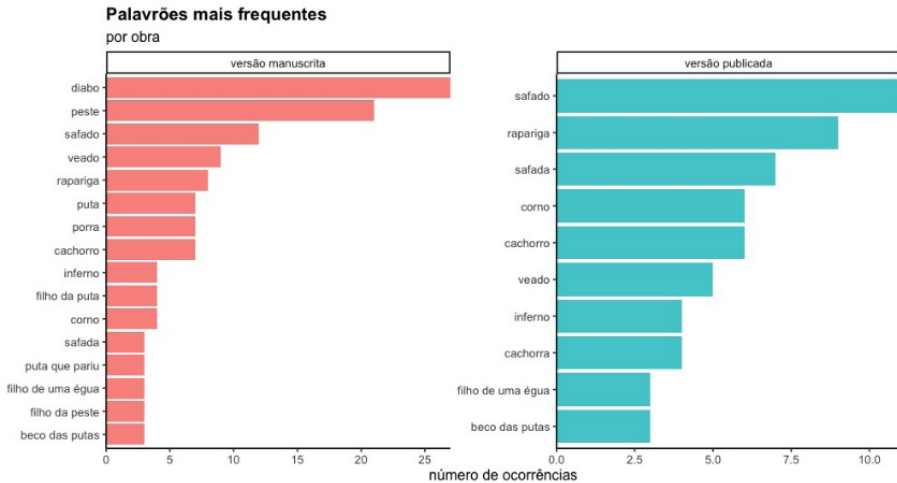
GRÁFICO 1 – Ocorrências dos palavrões por todo o corpus



Fonte: Elaboração própria

Em todo o *corpus* estudado, tomando em conjunto tanto a versão publicada como a manuscrita, as lexias *diabo*, *safado* e *peste* são as que mais se destacam. Comparando suas ocorrências nas duas versões, no gráfico 2, temos:

GRÁFICO 2 – Palavrões mais frequentes por obra



Fonte: Elaboração própria

No gráfico 2, observamos que *diabo* e *peste*, que junto com *safado*, foram as formas mais utilizadas nas falas das personagens na versão manuscrita, já não aparecem entre os palavrões mais utilizados na versão publicada, permanecendo apenas *safado*. Embora possamos perceber a redução e/ou retirada de várias outras lexias, seria inviável discutirmos, de forma aprofundada sobre cada uma delas, em virtude da natureza deste trabalho. Desse modo, seguindo um critério quantitativo, selecionamos *diabo* e *peste*, sobre as quais discorreremos a seguir:

4.1 As lexias *diabo* e *peste*

Além dos palavrões referentes aos atos sexuais e aos órgãos fisiológicos, existe a classe de palavras-tabu relacionadas às doenças e à religiosidade. Esse é o caso de *diabo* e *peste*, que embora fossem as duas lexias com maior frequência no manuscrito de *Feijão de Cego*, se encontram quase ausentes na versão publicada do livro de contos.

Há poucos estudos e informações científicas acerca dos palavrões no Brasil, em especial acerca de palavrões relacionados às doenças, como os encontrados no *corpus* estudado. Na matéria publicada pela revista *Superinteressante*⁸ de nome *A ciência do palavrão* (2020), que traz fatos e curiosidades acerca dessas lexias, a classe de palavrões associados às doenças são afirmadas como tendo perdido a força. Afirma a matéria que

[...] quando “câncer” era sinônimo de morte, também não podia ser dita livremente. Nos obituários, a pessoa não morria de câncer, mas de ‘uma longa enfermidade’. Com os avanços no tratamento, a coisa mudou de figura, e câncer, apesar de ainda dar calafrios, virou uma palavra bem mais corriqueira. As doenças em geral, na verdade, passaram por um processo parecido. Em *Romeu e Julieta*, de Shakespeare, por exemplo, há uma passagem dizendo: ‘que a peste invada as casas de ambos!’ Uma baita ofensa no século 16, quando a peste bulbônica ainda era uma ameaça na Europa. Mas agora, no mundo limpo e cheio de antibióticos que a gente conhece, o xingamento shakesperiano parece inócuo. (*Superinteressante*, “A ciência do palavrão”, 2020)

De acordo com a matéria, o tabu relacionado às doenças advinha do fato de que, por conta da escassez de tratamento médico para elas em tempos passados, ser diagnosticado com enfermidades como peste ou câncer significava, quase sempre, que o indivíduo estava fadado à morte. Com o desenvolvimento da medicina, muitas doenças que antes matavam já não são uma sentença de morte para o paciente, o que fez com que lexias associadas a elas perdessem a força. No entanto, palavrões pertencentes a este campo semântico são bastante comuns no nordeste brasileiro, a exemplo de *fió do canso*, associado ao falar itabaianense (SOARES, 2011; FREITAG, SANTOS, SANTOS, 2009); *teto*, *gota*, *cabrunco*⁹ e *bexiga*, também afirmados como muito comuns em Itabaiana (SOARES, 2011).

Em se tratando de *peste*, a matéria da revista *Superinteressante* destaca sua menção no romance de Shakespeare, possuindo, portanto, uma forte significação ofensiva em virtude da alta mortalidade causada pelas pestes que assolavam as pessoas em um tempo de poucos recursos

⁸ <https://super.abril.com.br/ciencia/a-ciencia-do-palavrao/>. Acesso em: 02 de ago. de 2022.

⁹ Em relação a *cabrunco*, esta lexia também é afirmada como comum em alguns municípios do interior do Rio de Janeiro, fazendo parte do repertório lexical de falantes de gerações mais antigas da planície Goitacá (MARQUES, OLIVEIRA, 2018; SOUZA, 2015).

médicos e de controle de doenças. Realizamos uma busca por seu significado em três dicionários, sendo eles: (i) O Dicionário do Palavrão e termos afins (MAIOR [1979] 2010), no qual a *lexia* não foi encontrada, (ii) dicionário Michaelis (2020) e (iii) dicionário InFormal. Das três definições com maior popularidade entre os significados atribuídos à *peste* no Dicionário InFormal, duas a significam como uma doença, e uma a define como *lexia* associada a uma pessoa de difícil convivência. De forma semelhante, o dicionário Michaelis (2020) traz, na maioria das definições, o significado relacionado às doenças debilitantes, mas também destaca seu caráter coloquial. Em semelhança com a primeira definição do Dicionário Informal, o seu caráter coloquial é uma característica moral do ser humano. O Michaelis (2020) também traz a expressão *da peste*, sendo utilizada como um intensificador de algo bom ou ruim, a exemplo de uma expressão bastante conhecida e associada ao falar nordestino, *cabra da peste*, normalmente utilizada para evocar traços do indivíduo como a força, coragem e valentia. Um outro intensificador trazido por esse dicionário é *pra peste*, expressão atribuída à fala nordestina e utilizada para destacar algo feito em grande quantidade ou de forma intensa, a exemplo de “Diego gastou dinheiro *pra peste* hoje” ou “A universidade fica longe *pra peste* de minha casa”. Em *Feijão de Cego*, *peste* é utilizada majoritariamente com função de xingamento, portanto, de forma negativa.

- (05) – A testa está suada, o coração disparado. Fico um tempão parada, a respiração ofegante. O **filho da peste** está de volta. (CARVALHO, s/d, manuscrito, *Aparição*, grifo nosso)

Esse excerto traz a fala da narradora-personagem, que se refere ao homem que a estuprou. A protagonista descreve seu estado após um pesadelo com o homem, que há muito falecera. Na versão publicada, *filho da peste* é substituído por *monstro*:

- (06) – A testa está suada, o coração disparado. Fico um tempão parada, a respiração ofegante. O **monstro** está de volta. (CARVALHO, 2009, p.204, *Aparição*, grifo nosso)

A *lexia* é, também, utilizada como um sinônimo de *morte*. É o que ocorre nos excertos 07 e 08, referentes ao conto *Ciúmes*. Neles, o narrador-personagem refere-se a um rival amoroso, que há muito tempo

morreu de coma alcoólico. No entanto, no manuscrito, faz-se o uso de *peste*, ao passo que no texto publicado, houve a substituição da *lexia*:

(07) – O culpado foi Jeconias de seu Anacleto. Culpado único, aliás. Vou passar a vida inteira acusando e condenando o desgraçado que a **peste** há muito levou. (CARVALHO, s/d, manuscrito, *Ciúmes*, grifo nosso)

(08) – O culpado foi Jeconias de seu Anacleto. Culpado único, aliás. Vou passar a vida inteira acusando e condenando o infeliz que a **morte** há muito levou. (CARVALHO, 2009, p.41, *Ciúmes*, grifo nosso)

Temos aqui mais um caso em que um palavrão foi retirado na versão publicada, onde no lugar de *peste*, é utilizada a palavra *morte*, revelando, assim, essa significação atribuída à *lexia* na fala dessa personagem. Sua utilização se dá de forma negativa e depreciativa, em conjunto com *desgraçado* (substituído por *infeliz* na versão publicada), remetendo morte, desgraça, fatalidade.

Em semelhança aos exemplos trazidos nos excertos anteriores, o palavrão *peste*, em *Feijão de Cego*, foi utilizado na maioria das vezes com a função de xingamento, com fins de depreciação entre personagens, não sendo encontradas ocorrências em que a *lexia* desempenhava a função de destacar ou intensificar traços positivos de pessoas ou coisas. No entanto, vários outros palavrões também com fins depreciativos, como *safado(a)*, permaneceram na versão publicada entre os mais ocorrentes. Por que, então, *pesteteria* sido quase que completamente retirada da versão publicada? Quais seriam os prováveis motivos pelos quais essa *lexia* teve seu uso evitado na versão que chegaria ao público leitor? Considerando a presença de *peste* em *Romeu e Julieta* com a função de maldição – o que se assemelha à função depreciativa dessa *lexia* nos diálogos de *Feijão de Cego* – e sendo o Nordeste marcado por uma forte religiosidade de tradição cristã, buscamos seus significados nos textos bíblicos.

Não havendo definição exata nos textos bíblicos, *peste* é citada 48 vezes na bíblia hebraica (GRENZER, 2020, p. 441), e refere-se a males que trazem grande mortalidade em pouco tempo, de forma devastadora, e que atinge homens e animais, reis e plebeus. Essa enfermidade, na Bíblia, diz respeito às consequências divinas sobre o ser humano em resultado do mal que os homens causam ao outro e à terra. Como punição

divina, causam grande temor entre as personagens bíblicas. Segundo Rezende (2009, p.73), as grandes epidemias que assolaram a história, como, por exemplo, a varíola, a febre tifoide e a malária, também foram referidas genericamente como *pestes*, embora não fossem provocadas pelo “*Yersinia pestis*”, o bacilo causador da doença. O médico afirma que a primeira menção à peste bulbônica ocorre nos textos bíblicos, no qual, por punição divina como resultado do roubo da arca da aliança dos hebreus, os filisteus foram acometidos de tumores em suas partes íntimas. A peste, então, é mencionada nos textos bíblicos como parte das epidemias mortais, frutos de castigos divinos que acometeram judeus e não judeus. São doenças impiedosas e que causaram grande assombro e pavor entre as pessoas da época, sendo então uma *lexia* associada à morte, às doenças devastadoras e ao castigo divino. No Novo Testamento, uma de suas menções encontra-se no livro de Lucas. Nele, Jesus se refere às pestes como um dos sinais do fim dos tempos (Lc 21, 11).¹⁰

Dessa forma, um motivo para a diminuição das ocorrências do palavrão *peste* na versão publicada da obra talvez se deva a uma forte avaliação valorativa de estigma que ainda atua sobre a *lexia*, envolvendo o fato de que ela se refere a qualquer doença contagiosa, conforme Rezende (2009) e segundo observado na definição 2 do dicionário Michaelis (2020). Além disso, temos a visão religiosa judaico-cristã, que traz significações relacionadas ao apocalipse, castigo divino, maldição, e à morte, o que também foi observado no excerto 08 extraído de *Feijão de Cego*. Tecemos, aqui, uma hipótese, sendo necessárias pesquisas mais aprofundadas em campo acerca dessa *lexia* e sua avaliação social, o que demonstra a necessidade de mais pesquisas acadêmicas acerca desse e de outros palavrões, seus impactos e as significações a eles atribuídos.

Sabemos, no entanto, que em uma sociedade na qual imperam valores judaico-cristãos, o palavrão se constitui como uma transgressão. Nos textos bíblicos, a atitude de proferir “palavras torpes” é desencorajada: “Nenhuma palavra torpe saia da boca de vocês, mas apenas a que for útil para edificar os outros, conforme a necessidade, para que conceda graça aos que a ouvem” (Efésios 4:25-32). Esse versículo faz parte de uma série de conselhos em uma carta escrita pelo Apóstolo Paulo.

¹⁰ A *lexia* *peste*, nos textos bíblicos, pode variar para *pestilência* ou *epidemia*, a depender da tradução. Na Bíblia de estudo Thompson, traduzida por João Ferreira de Almeida (2014), utiliza-se *epidemia* no texto de Lucas 21, 11.

Nesse capítulo, as “palavras torpes” são desencorajadas com a mesma intensidade que atitudes como a mentira e o furto.

Embora comum à fala nordestina, a lexia *peste* não se encontra no *Dicionário do palavrão e termos afins* (MAIOR [1979] 2010), mesmo sendo organizado por um folclorista nordestino, de origem pernambucana. Algumas hipóteses podem ser tecidas para a ausência da lexia no dicionário de Maior: (i) – a lexia *peste* não era corrente ou conhecida por todo o Nordeste à época da produção da obra, que ficara pronta em 1974 e foi publicada apenas em 1979, em decorrência da censura (período no qual o autor fez algumas adições e melhorias ao dicionário); (ii) a obra, originalmente, era uma pesquisa que visava reunir vocabulários relacionados ao sexo. Sendo assim, *peste* não foi incluída ou até reconhecida, à época, como palavrão. Um fato que corrobora essa segunda hipótese é a ausência de outros palavrões relacionados às doenças, como *gota*, *bexiga* e *cabrunco*. O *Dicionário do palavrão e termos afins* segue, dessa forma, a linha mais conhecida dos palavrões, imperando na obra as lexis relacionadas ao sexo e às funções fisiológicas humanas. De forma semelhante, *diabo*, sua variante *diacho*, e demais palavras-tabu relacionadas à religiosidade, tais como *satanás*, *cão*, *inferno* e *penima*¹¹ não foram listadas no dicionário de Maior ([1979] 2010).

Na versão manuscrita de *Feijão de Cego*, *diabo* é uma lexia bastante recorrente, sendo reduzida de forma expressiva na versão publicada: de trinta para apenas uma ocorrência. As três definições com maior destaque entre os usuários do Dicionário InFormal trazem suas significações religiosas, não se sobressaindo, portanto, seus usos referentes aos palavrões. O dicionário Michaelis (2020) traz, entre as principais definições, além das significações religiosas, usos linguísticos relacionados ao seu sentido figurado. De acordo com as definições e exemplos de usos para *diabo* trazidos por esse dicionário, quando a lexia é utilizada para ressaltar características de um indivíduo, estas em sua maioria são negativas. Há, porém, entre os exemplos da décima definição, seu uso como intensificador para fins de elogio como em “O *diabo* do garoto entende a trama dos romances melhor que a professora” (MICHAELIS,

¹¹ *Penima* (ou *pinima*) é utilizada para expressar descontentamento, tendo significado relacionado a *algo ruim*, *praga*, *agouro* (MICHAELIS, 2020). Em *Feijão de Cego*, temos uma utilização da lexia: *Que azar da penima!* (CARVALHO, 2002, p. 135, *O valor do cão da rapariga do cabo*).

2020). Entre as expressões derivadas, *fazer o diabo* tem, como uma de suas definições, “realizar proezas; ser bem-sucedido” (MICHAELIS, 2020). No entanto, de forma semelhante a *peste* e demais palavrões, em *Feijão de Cego*, não foram encontradas ocorrências para *diabo* com a finalidade de se intensificarem aspectos positivos de indivíduos. Pelo contrário, essa forma aparece com sua função negativa, para xingamentos e como interjeições que expressam sentimentos como contrariedade, surpresa, raiva, entre outros. Caso semelhante é atestado por Santos e Filho (2018), que observaram a utilização de palavrões negativos como ferramentas estilísticas para corroborar cenas de ódio e violência, bem como os sentimentos negativos da personagem principal, em um conto contemporâneo. Vejamos alguns exemplos de como os palavrões em *Feijão de Cego* (nesse caso, *diabo*) evidenciam sentimentos e atitudes negativas na obra.

(09) – Aceitei, que **diabo**, aceitei. Vê-lo sair de casa e agora me separar dele, oficialmente, **meu Deus**, quanta besteira estava a fazer. (CARVALHO, s/d, manuscrito, *Justificações*, grifo nosso)

Nessa fala, a protagonista do conto narra sua insatisfação acerca da forma como seu marido, enquanto prefeito, a pressionou a concordar com a simulação de um divórcio a fim de a tornar elegível ao cargo e, portanto, sua sucessora, permitindo que o homem continuasse a dominar o cenário político local mesmo após o término de seu mandato. A lexia, nesse excerto, tem a função de interjeição, sendo utilizada para corroborar os sentimentos de contrariedade da personagem. Notemos que no mesmo excerto, *que diabo* coexiste com um outro exortativo, *meu Deus*, trazendo em uma mesma fala, dois seres antagônicos da crença judaico-cristã: o bem e o mal, o sagrado e o profano. A lexia *diabo*, no entanto é escrita em minúsculo, ao passo que *meu Deus*, tem sua inicial em maiúsculo, além de, na versão publicada da obra, o exortativo permanecer:

(10) – Aceitei, não nego, aceitei. Vê-lo sair de casa e agora me separar dele, oficialmente, **meu Deus**, quanta besteira estava a fazer. (CARVALHO, 2009, *Justificações*, p. 127, grifo nosso)

Embora *diabo* seja encontrado, em sua maioria, com a função de interjeição, temos também a utilização da lexia como expletivo, como exposto na décima primeira definição do dicionário Michaelis (2020). *Diabo* é utilizado para fins de realce em algumas falas, trazendo

intensidade a estas e expressando sentimentos intensos das personagens, como no excerto a seguir:

- (11) – Onde **diabo** você foi ouvir essas histórias, que isso aconteceu de muitos anos antes do seu nascimento [...]. (CARVALHO, s/d, manuscrito, *Confissão*, grifo nosso)

Nessa fala, um pai se assusta quando seu filho lhe indaga acerca de um caso que teria ouvido, acerca de um escândalo em uma família temida na região. Tratando-se de uma história delicada, que envolvia o estupro de uma adolescente por seu cunhado, resultando em uma gravidez, o assunto era evitado pelos moradores da região, mesmo depois de muitas décadas após o ocorrido. A *lexia*, que expressa a surpresa do homem diante da menção do fato por seu filho, é substituída na versão publicada:

- (12) – Onde **buraco** você foi ouvir essas histórias, que isso aconteceu de muitos anos antes do seu nascimento [...]. (CARVALHO, 2009, p.161, *Confissão*, grifo nosso)

Aqui, a *lexia* foi substituída por *buraco*, tendo sido utilizada na frase como referente à localização, uma vez que o pai indaga seu filho acerca de onde ele teria escutado aquela história tão evitada. Temos, também, os usos com fins de xingamento, como veremos nos próximos excertos, retirados do conto *Dia Diferente*. No manuscrito, o narrador faz uso da *lexia* para referir-se ao homem que assassinara a esposa a facadas, sendo *diabo* utilizado como intensificador, como descrito na décima definição do dicionário Michaelis (2020). No entanto, na versão publicada, há a retirada da *lexia*, que não foi substituída por nenhuma outra palavra.

- (13) – [...] Ageunita não era de amizade com ninguém da rua, não cumprimentando morador algum. Talvez se achasse superior a todos. Talvez. Quem sabia lá se não era o **diabo** do marido que não permitia? (CARVALHO, s/d, manuscrito, *Dia Diferente*, grifo nosso)

- (14) – [...] Ageunita não era de amizade com ninguém da rua, não cumprimentando morador algum. Talvez se achasse superior a todos. Talvez. Quem sabia lá se não era o marido que não permitia? (CARVALHO, 2009, p.177, *Dia Diferente*)

Uma vez que *diabo* remete a um ser que, em uma cultura de fortes valores judaico-cristãos, traz temor e significa a origem do mal, a menção ao nome evoca uma gama de significações e é entremeada de crenças e temores. Em *Feijão de Cego*, não foram encontrados usos para a lexia que servissem de intensificador para características positivas de indivíduos, tratando-se, na maioria das vezes, de interjeições (como *que diabo!*) encontradas em falas de personagens contrariadas, nervosas e irritadas. O fato dessa lexia encontrar-se em grande abundância na versão manuscrita e ter sido quase extinta na obra publicada nos revela o estigma que atua sobre ela, em uma sociedade de forte religiosidade como a nordestina, e como os efeitos de monitoramento linguístico durante o processo de revisão em *Feijão de Cego* interferem no uso dessas lexias para a construção das *personas* na obra.

Costa (2016, p.23), relatando experiências pessoais em sua infância no interior baiano, afirma que cresceu em meio a uma infinidade de crenças e superstições, estando entre elas a proibição de se pronunciarem alguns nomes, entre eles os de determinadas doenças e seres espirituais. Ao analisar as várias denominações para *diabo* nas capitais brasileiras colhidas em entrevistas do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)¹², a pesquisadora afirma que a forte religiosidade cristã influencia as escolhas lexicais dos indivíduos, bem como reações de “temor e repulsa” a algumas delas. Em resposta à questão *Se Deus está no céu, no Inferno está?* que faz parte do questionário da ALiB, foram identificadas as lexias:

anjo mau, anjo do mal, anticristo, besta, besta-fera, belzebu, bicho feio, bicho ruim, cão, capeta, capiroto, chifrudo, coisa, coisa ruim, cramulhano, criatura, cruz credo, demo, demônio, desgraça, diabo, didi, encardido, enxofre, estrela vermelha, inimigo, Lúcifer, maligno, mefítico, príncipe dos céus, rabudo, sapirico, satã, satanás, satangoso, sujo, troço, tilinga, tinhoso. (COMITÊ NACIONAL, 2001, *apud* COSTA, 2016, p.115, grifo da autora)

¹² O Atlas Linguístico do Brasil ALiB é um projeto criado em 1996 e que documenta a variação linguística em todas as regiões do território brasileiro, através de questionários aplicados (de 431 perguntas que se agrupam em vários campos), sobretudo nas capitais dos estados (exceto a capital do Tocantins e o Distrito Federal, em virtude de sua fundação recente). A pesquisa de Costa (2016) tomou como objeto a questão número 01 do questionário do campo semântico referente à religião e a crenças, sendo ela *Se Deus está no céu, no inferno está?*.

Embora *diabo* tenha sido a resposta com maior frequência, com 30% dos dados, tendo sido documentada em todas as capitais estudadas, são bastante variadas as denominações encontradas para designar *ser que está no inferno* (COSTA, 2016), havendo uma grande quantidade de metáforas e metonímias que se constituem palavras menos impactantes para evitar a menção à palavra *diabo*. Essa variedade de denominações demonstra o estigma que carrega a *lexia*, que traz consigo um infinito de crenças e significações, porque muitos acreditam que sua menção atrairia males. Em *Feijão de Cego*, mesmo com pouca frequência, foram encontradas três variantes¹³ de *diabo*, sendo elas: *cão*, com duas ocorrências na versão manuscrita e uma na versão publicada; *Diacho* com uma ocorrência no manuscrito e nenhuma na versão publicada; e *Satanás*, que permaneceu com uma ocorrência na versão publicada. No entanto, em virtude da função de xingamento nos diálogos dos contos – e não de se referir ao *ser que está no inferno*, conforme observado por Costa (2016) –, os casos de substituição na versão publicada não trouxeram sinônimos da *lexia*, como os destacados no Quadro 1, mas sim, outros palavrões menos impactantes (a exemplo de *diabo* para *filho da mãe*), *lexias* que não se constituem palavras-tabu (como *diabo* para *buraco*), ou apenas realizou-se sua total retirada da fala.

Dois casos interessantes a serem destacados, em se tratando de substituição para *lexias*, dizem respeito aos excertos seguintes. Neles, temos *diabo* e *peste*, referentes ao *profano*, sendo substituídos por expressões religiosas:

- (15) – O estoque estava encerrado, se fazendo preciso apressar a cerimônia, porque todos estavam cheios daquela história, Floduarda casasse com quem quisesse, com Esterlito ou com o pai dele, com o avô, bisavô, tataravô, **com o diabo** se aparecesse. (CARVALHO, s/d, manuscrito, *O casamento de Esterlito*, grifo nosso)

O excerto faz parte do conto *O casamento de Esterlito*, e nele, o narrador transmite os sentimentos de moradores de uma pequena cidade diante do casamento de uma jovem descrita como *moça falada*, em virtude de suas atividades sexuais, com um rapaz que possui deficiência

¹³ Questões relacionadas à sinonímia e variação são temas que suscitam discussões entre teóricos da área. Nesta pesquisa, assumimos o posicionamento de Costa (2016), ao considerarmos as diferentes nomeações para *o ser que está no inferno* como variantes para um mesmo referente: *diabo*; e, portanto, sinônimas.

intelectual. A união causa grande irritação aos populares, que estavam impacientes e incomodados com os noivos sempre passeando juntos na pracinha da cidade, uma vez que afirmavam que a jovem estaria iludindo o rapaz, escondendo o fato de não ser mais virgem – aspecto bastante valorizado em sociedades mais tradicionais – e ter tido vários casos amorosos anteriores. Essa irritação e impaciência são transmitidas pelo narrador, que faz uso da lexia *diabo* para corroborar tais sentimentos. No entanto, na versão publicada, há sua substituição:

- (16) – O estoque estava encerrado, se fazendo preciso apressar a cerimônia, porque todos estavam cheios daquela história, Floduarda casasse com quem quisesse, com Esterlito ou com o pai dele, com o avô, bisavô, tataravô, **com o filho do bispo**, se aparecesse e existisse. (CARVALHO, 2009, p. 201, *O casamento de Esterlito*, grifo nosso)

Nesse caso, ambas as expressões se referem ao sentido de *com quem quer que fosse*, sendo tanto o *diabo* como o *filho do bispo*, dois elementos tabu; um por ser profano, a origem de todos os males, e o outro, resultado do ato sexual de um sacerdote. Caso parecido é observado no conto *A esposa do meu sobrinho-neto*:

- (17) –[...] ah, Donária, vá ser bonita assim **na casa da peste!** (CARVALHO, s/d, manuscrito, *A esposa do meu sobrinho-neto*, grifo nosso).

Neste excerto, o narrador-personagem conta como se encontra na situação atual da narrativa: fugindo de familiares como resultado de ter encomendado o assassinato de seu sobrinho-neto. O idoso ficou obcecado com a esposa do rapaz, concluindo que a única chance que teria de conquistá-la seria se ela ficasse viúva. Na fala em destaque, a personagem faz uso da expressão *casa da peste* como um intensificador com fins de elogio, sendo raros os usos de palavrões com essa finalidade na obra, como já observado anteriormente. Ainda assim, na versão publicada, a expressão foi substituída, dessa vez por uma referência a objetos sagrados:

- (18) – [...] ah, Donária, vá ser bonita assim **no altar das igrejas!** (CARVALHO, 2009, p.109, *A esposa do meu sobrinho-neto*, grifo nosso)

A substituição de *casa da peste*, para *altar das igrejas*, revela a função em comum que ambas compartilham nesse contexto, embora a elas sejam atribuídos valores sociais distintos. No entanto, a escolha da segunda expressão não se deu de forma descontextualizada, mas advém do forte discurso religioso presente na fala dessa e de muitas personagens de *Feijão de Cego*, em que os palavrões coexistem com expressões religiosas, expressando seus costumes e valores. O idoso, momentos antes, ao descrever a beleza da jovem, comparou-a a uma imagem sagrada pertencente à fé católica: “A mulher era mais linda que a imagem de Nossa Senhora do Carmo, lá no altar da igreja” (CARVALHO, 2009, p. 108, *A esposa do meu sobrinho-neto*). Dessa forma, o autor, ao sentir a necessidade de realizar tal substituição, resgatou a comparação feita anteriormente.

Acerca de palavras que, quando proferidas, trazem consigo diversas significações socialmente estratificadas, afirmam Meneguetti e Tullio (2020, p.41) que “é possível observar a carga semântica que tais palavras carregam, o medo que as representam. Por isso existe o tabu linguístico, que aborda a proibição de certas expressões, por se tratarem de palavras que carregam algo desagradável”. Entre essas expressões, conforme observado em nosso *corpus*, temos aquelas relacionadas à religiosidade e às doenças.

Uma vez que “os tabus linguísticos aparecem como decorrência dos tabus sociais” (ORSI; ZAVAGLIA, 2012, p. 159), podemos afirmar que as lexias retiradas na versão publicada de *Feijão de cego* evidenciam valores e crenças do público esperado pelo autor. Conforme observamos, as duas lexias mais recorrentes em uma escrita menos monitorada e retiradas da versão publicada, *diabo e peste*, mesmo tratando-se de dois palavrões de diferentes categorias – religiosidade e doenças – possuem algo em comum: os valores a elas atribuídos pela Bíblia. Ambas as lexias fazem parte dos textos bíblicos, permeando a imagética de uma sociedade judaico-cristã e que atribui a essas lexias atitudes valorativas de estigma, influenciadas por suas crenças. De acordo com as crenças populares, a menção excessiva a uma doença tão presente nos textos bíblicos como uma maldição e castigo divinos, e a um ser poderoso do qual se origina o mal, poderia atrair males e agouros.

Tais crenças acarretam uma forte avaliação negativa atribuída a essas palavras, sendo seu caráter de palavras-tabu uma provável explicação para sua quase total retirada da versão de *Feijão de Cego* que chegaria ao público leitor. Isso demonstra as diferenças entre o que falamos em momentos menos e mais monitorados, realizando escolhas

linguísticas em virtude do interlocutor. Há, também, nos diálogos de *Feijão de Cego*, valores e crenças manifestadas pelas personagens em relação aos palavrões, sendo a metalinguagem também uma ferramenta para a construção de *personas* na obra. É sobre esta questão que trataremos na seção a seguir.

5 A metalinguagem em *Feijão de Cego*

Allan Bell (1984) defende que o estilo diz respeito à resposta dos oradores a seu público. Ele aponta que as pessoas estão sempre respondendo a outras pessoas, em todos os níveis de variabilidade da linguagem. Sendo assim, projetam seu estilo a partir do seu destinatário. Na versão manuscrita, os palavrões são muito mais frequentes, e, por vezes, repetitivos, a exemplo das duas lexias abordadas na seção anterior, o que revela seu possível pertencimento ao repertório linguístico do escritor. No entanto, durante o processo de revisão e produção da versão final, há a preocupação em retirar totalmente algumas lexias mais “pesadas”, como *comer*, e *cu*, e tornar outras menos frequentes, como *diabo* e *peste*.

Um fato interessante a ser destacado, é que *fi do canso*, embora atestado como lexia atribuída à fala itabaiense (FREITAG, SANTOS, SANTOS, 2009; SOARES, 2011), não é encontrada em nenhuma das versões, nem mesmo na mais espontânea. Para compreendermos um pouco mais a respeito da consciência sociolinguística do autor da obra em estudo, bem como as motivações pelas quais alguns palavrões são utilizados ou evitados, é interessante que destaquemos a declaração a seguir, na qual Souza Carvalho expressa suas opiniões pessoais acerca de algumas lexias:

Carvalho: Coisa chula eu não gosto não. Eu uso termos como “cabrunco”, “fi da peste”... Tem uma carga semântica mais suave. Mas quando chega no chulo, na grosseria, eu não gosto....

Entrevistadora: Quando você ouve “canso”, o que vem à sua mente?

Carvalho: Eu não gosto. Não acho bonito [...] Eu acho que “filho do canso” é “filho do câncer”. Não acho bonito. (comunicação pessoal do autor, 2022)

De acordo com o dicionário Michaelis (2020), *chulo* diz respeito a “termos de calão impróprios à linguagem educada; de baixo calão,

vulgar, obsceno” (MICHAELIS, 2020)¹⁴. Em sua avaliação pessoal, o autor de *Feijão de cego* categoriza a lexia *fi do canso* no nível de expressões chulas e grosseiras, sendo então alvo de maior avaliação social negativa e, portanto, evitada nos diálogos de sua obra, mesmo na versão manuscrita. Em contrapartida, *cabrunco* e *peste* são descritos como mais suaves pelo autor, sendo encontrados na versão manuscrita e publicada da obra. *Cabrunco* ocorre quatro vezes no manuscrito e três na versão publicada. A lexia *peste*, em conjunto com *filho/fi da peste*, foi reduzida de 24 ocorrências no manuscrito para apenas 2 na versão publicada. No entanto, o fato de que o escritor a classifica como sendo “mais suave” sugere que essa diminuição se deu não em virtude de uma avaliação valorativa de estigma direcionada à lexia por parte do autor, mas possivelmente como consequência de valores e crenças que o mesmo espera de seu público leitor. Como afirma Orsi (2011, p.338), “a opção por uma forma, mais ou menos obscena, depende do ambiente cultural em que o falante e seu interlocutor se inserem”. Nesse sentido, as motivações para a ausência, retirada e/ou diminuição da frequência de lexias mobilizaram valores e crenças, por vezes do autor, e por vezes em virtude do público leitor esperado.

No entanto, o desconhecimento das etapas de revisão pelas quais passaram os contos até sua publicação é uma das limitações de nossa pesquisa. Conhecer essas etapas nos daria mais pistas acerca dos critérios para a retirada e/ou diminuição da frequência de lexias,. Sabemos, no entanto, que os textos de Vladimir Carvalho passam pelo crivo de pelo menos uma revisora, sua esposa, que se concentra nos aspectos ortográficos. Fica ao encargo do próprio autor os processos referentes às adaptações e alterações textuais¹⁵.

Temos, então, a consciência sociolinguística e alguns juízos de valor demonstrados pelo autor e que refletem as escolhas realizadas acerca dos palavrões de sua obra. Isso evidencia como a avaliação de variantes linguísticas por parte do falante e/ou da sociedade na qual ele está inserido influencia diretamente em seu comportamento linguístico e chama a atenção para a importância de estudos que contemplem tal fenômeno (FREITAG et

¹⁴ <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/chulo/>. Acesso em: 17 ago 2022.

¹⁵ Informações concedidas pelo autor nas comunicações ocorridas durante o período de desenvolvimento dessa pesquisa.

al., 2015). Nos estudos de Pinheiro, Menezes e Freitag (2020), por exemplo, foi atestado que o tabu que circunda algumas palavras (de cunho sexual) influencia até mesmo o tempo de leitura de indivíduos (mulheres ou que se encontram diante de mulheres), refletindo o conservadorismo social.

Conforme mostramos anteriormente, os aspectos linguísticos, a exemplo dos palavrões que constituem o foco de nossa análise, também são utilizados como ferramenta para a construção das *personas* nos contos e, dessa forma, para a representação de grupos sociais. Estes são sujeitos à avaliação social através de descrições metalinguísticas, que nos trazem pistas acerca de como alguns traços da língua são avaliados socialmente e associados a outras características das personagens. No entanto, quando direcionamos nossa análise para as frequências de palavrões na versão manuscrita e publicada da obra, os resultados trazem pistas acerca dos efeitos de monitoramento linguístico que incidem sobre o uso de palavrões na obra e que são provenientes das avaliações por parte do autor e/ou observadas por este em relação ao público pretendido.

Já em relação aos juízos de valor encontrados nas descrições metalinguísticas presentes nos diálogos dos contos que iremos observar nos excertos a seguir, não podemos afirmá-los expressamente como opiniões pessoais do autor, uma vez que eles podem ser representações acerca de como algumas realizações linguísticas são observadas na sociedade, podendo ser ou não opiniões compartilhadas pelo escritor da obra.

Para identificarmos a metalinguagem em *Feijão de Cego*, revisamos a versão manuscrita e publicada e destacamos os contos nos quais se encontram juízos de valor sobre a linguagem, denotando a consciência sociolinguística do autor. Reunimos tais informações no quadro 2:

Quadro 2 – Comentários metalinguísticos em “Feijão de Cego”

Manuscrito		Publicado	
Conto:	Quantidade:	Conto:	Quantidade:
Perdão	4	Perdão	4
Visão	1	Visão	1
As três filhas de Pedreiro Pedra	0	As três filhas de Pedreiro Pedra	1
O casamento de Esterlito	1	O casamento de Esterlito	1
Explicação	1	Explicação	1

Fonte: Elaboração própria

Os comentários metalinguísticos, encontrados em cinco contos, não sofrem alteração entre as versões, com exceção do caso que ocorre em *As três filhas de Pedreiro Pedra*, que trataremos nos excertos 26 e 27. Primeiramente apresentaremos o caso de metalinguagem presente no conto *Perdão*. O conto é narrado em primeira pessoa por um narrador-personagem que, viúvo, idoso e debilitado em decorrência de um derrame que lhe tirou a fala e os movimentos, reflete acerca de eventos do passado. A personagem, que não recebe nome no conto, revela suas suspeitas acerca da paternidade de seu filho mais novo, utilizando como argumentos suas suspeitas de traição por parte de sua falecida esposa, bem como as características físicas, psicológicas e morais de Vambério, que em muito se distinguem das de seus demais filhos. Para melhor compreendermos a consciência sociolinguística do autor e como ele representa atitudes valorativas de estigma direcionadas ao uso de palavras, faz-se necessário discutirmos acerca de como o uso de lexis é associado a um conjunto de outros aspectos linguísticos e sociais, na construção das *personas* do conto.

Sobre as características físicas, Vambério possui um tom de pele diferente: “Vambério nasceu. Diferente dos irmãos. Para começar, moreno. Quando juntava todos na mesa notava a diferença entre os primeiros, branquelos, como eu sou e Joelina, e Vambério” (CARVALHO, 2009, p. 54, *Perdão*). Além disso, a personagem afirma que seus filhos mais velhos estão ficando corcundas à medida que vão envelhecendo, ao passo que Vambério se mantém “elegante, ereto, parece um ricoço perto dos irmãos” (CARVALHO, 2009, p.53). São destacadas, então, as diferenças entre o modo de falar de Vambério e o de seus outros quatro irmãos, Aldileno, Sinfrônio, Perolina e Edernival:

- (19) – Até a conversa é diferente. Os primeiros falam correndo, engolindo as palavras, quase gogos, como eu. Perolina faz um bico destacado, como a falecida mãe. Igualzinha. Vambério não fala. Discursa. O olhar firme, a voz calma, um tom de gente rica. Até o jeito de conversar mostra uma pose, que na minha e na família da mãe não existia. Quando pequeno, ouvia os amigos afirmarem: – Vambério vai ter anel de formatura. Que vai, vai. É diferente dos outros. O menino vai longe! (CARVALHO, 2009, p.53-54, *Perdão*)

O pai, ao descrever a fala de seus filhos, destaca a forma eloquente como o mais novo se expressa, ao passo que a fala dos

demais (semelhantemente à sua) é comparada a uma gagueira, uma vez que possui um ritmo rápido, “correndo”, com ocorrência de possíveis metaplasmos por supressão onde as palavras seriam “engolidas”. Além disso, a fala de Vambério é comparada por seu pai à fala de *gente rica*. Essa primeira descrição revela Vambério como um falante em cujo repertório linguístico se encontram variantes mais aproximadas a uma fala de maior prestígio, avaliada positivamente não só por seu pai, mas por conhecidos da família, segundo os quais o garoto teria um futuro promissor, sendo “diferente dos outros”. No excerto a seguir, veremos como a linguagem é um elemento associado a outras características de comportamento avaliadas negativamente:

- (20) – Vambério não é meu filho. Ele não tem nada dos irmãos, nem de mim. Os irmãos são uns grosseirões, sem educação, falando alto, espalitando o dente, arrotando um na cara do outro, se utilizando de **termos chulos** quando conversam. Aldileno, por exemplo, motorista de caminhão, nem coloca a camisa por dentro das calças nem abotoa os botões, a barriga cabeluda estufando de volumosa. Faz a barba uma vez por semana, quando muito. Sinfrônio, marchante, a boca mostrando a falta de dente, ora para mastigar tenho outros, responde. Edernival peida na presença de todo mundo. Tem um bar, vivendo a brigar com quem arranha o pano de seu sinuca. Perolina **desbocada** e maltratada, a dizer **palavrões nas ruas**, sem respeitar ninguém, nem o padre Barrerito, a dentadura caindo da boca, guardada sempre no bolso do vestido. Vambério, nem pensar. É o único que galgou uma posição de destaque. Barba todo dia raspada, cabelo bem penteado, camisa por dentro. É bacharel em ciências jurídicas e sociais, advogando por aqui e pela redondeza. Perto dos irmãos, a diferença se acentua, na maneira de se comunicar, nos gestos, nas palavras. Só quem é cego é que não percebe. (CARVALHO, 2009, p. 54-55, *Perdão*, grifo nosso)

Nesse excerto, o idoso afirma os palavrões como recorrentes na fala de seus filhos Sinfrônio, Aldileno, Edernival e Perolina, associa tais usos linguísticos à “grosseira”, à “falta de educação” e à fala “desbocada”. Os palavrões são associados a um conjunto de outras atitudes sujeitas à reprovação social, como as vestimentas e cuidados estéticos “desleixados”

das personagens, o ato de arrotar e peidar em público, a barba por fazer, falta de cuidados com a saúde bucal, as brigas em público, e a falta de respeito com autoridades eclesiais. Além disso, são destacadas as ocupações de seus filhos: Aldileno, motorista de caminhão, Sinfrônio, marchante, e Edernival, dono de bar.

Todos esses aspectos contrastam com as características atribuídas a Vambério, que diferentemente de seus irmãos, “É o único que galgou posição de destaque”, possuindo formação acadêmica e atuando como advogado. Essa comparação revela juízos de valor atribuídos não só à linguagem, mas também à ocupação, uma vez que profissões como marchante, caminhoneiro e proprietário de bar são apresentadas como inferiores. Desse modo, a forma como esses aspectos são representados e utilizados em conjunto para construir uma imagem específica das personagens, reflete a consciência sociolinguística do autor na construção das *personas* da obra.

Para Eckert (2008), é no nível da *persona* que se reúnem aspectos como as roupas, a aparência, o estilo linguístico, e todos os demais atributos que um falante se utiliza para construir sua imagem. Dessa forma, pode-se relacionar a linguagem do falante com essas outras ferramentas de construção de uma imagem social. Em se tratando das *personas* presentes em obras literárias, que se constituem como criações e/ou representações e, no conto analisado, em que elas são construções sob a ótica de um narrador-personagem, notamos como diversos aspectos sociais são utilizados como ferramenta para sua construção em conjunto com a linguagem, tais como seus hábitos, vestimentas, comportamentos e ocupações.

Ao fim do conto, o narrador-personagem revela sua quase certeza de que o pai de Vambério seria Potânio Marimbondo, escrivão da cidade. A inteligência do rapaz teria sido herdada de seu pai biológico, que recebe a seguinte descrição do narrador-personagem:

- (21) – Potânio educado, discursando nas festas, elegante, a mão leve acompanhando as palavras, cumprimentando as pessoas, amigo de todos sem abrir mão de sua nobreza, **se fazendo entender pelos humildes, conversando de cabeça erguida com os poderosos.** (CARVALHO, 2009, p.57, *Perdão*, grifo nosso)

Temos aqui mais uma habilidade linguística valorizada no discurso do narrador: o monitoramento da linguagem em virtude do

interlocutor (BELL, 1984). A facilidade do escrivão Potânio Marimbondo em moldar sua forma de se comunicar a depender de seu ouvinte, inclusive, lhe abriu várias oportunidades, sendo disputado por partidos políticos e cogitado como possível candidato a prefeito. Vambério, no entanto, não tivera qualquer contato com o escrivão, uma vez que sua condição de filho extraconjugal é uma suspeita de seu pai de criação, assunto nunca discutido entre ele e sua esposa. Ainda assim, o idoso destaca que até mesmo a formação de Vambério e Potânio é semelhante, o bacharelado em direito. “É a cópia. De mim não tem nada. Da mãe, também não. Dos irmãos nenhuma semelhança, nem física nem moral” (CARVALHO, 2009, p.57, *Perdão*).

Conforme observamos, em *Perdão*, o narrador-personagem não avalia apenas os aspectos linguísticos das personagens; estes receberam juízos de valor em conjunto com outros aspectos sociais. Em relação aos palavrões, a própria narração do senhor de idade revela um monitoramento linguístico em relação a determinadas palavras-tabu:

- (22) – Talvez tenha sido meu erro. Ficar calado, permitindo as pontas crescerem na minha testa, me desculpem o desabafo, principalmente quando é de homem traído, de **cornio**, sim, sejamos claros, **o termo é forte, mas tem de ser proferido**, não há como tapar a verdade. (CARVALHO, 2009, p.54, *Perdão*, grifo nosso)

Nesse excerto, o narrador lamenta não ter tomado quaisquer atitudes ante a certeza da traição de sua esposa, atribuindo a si mesmo a lexia *cornio*. Segundo ele, apesar de ser um “termo forte”, ou seja, impróprio, precisa ser proferido, sendo a expressão *homem traído* aparentemente insuficiente para comunicar os sentidos que o falante desejava expressar. Essa forma como o autor confere à fala do narrador-personagem justificativas diante da “necessidade” do uso de tal lexia traz verossimilhança à personagem, uma vez que o idoso reprova a utilização de *termos chulos*. Os excertos 23 e 24 demonstram como substituições que ocorreram na versão publicada reforçam essa verossimilhança. A lexia *puta*, presente na versão manuscrita na fala do idoso e sobre a qual

é imputada uma avaliação social negativa¹⁶, é substituída por um uso alternativo e menos pesado na versão publicada:

(23) – Minha velha mãe me alertava. Eu fazia que não ouvia, uma vontade de dizer que **puta** por **puta** ela era a mãe dos filhos, disso não tinha dúvida, já estava acostumado às suas luas, como se a desculpa fosse capaz de justificar a ocorrência. (CARVALHO, 2009, p.54, *Perdão*, grifo nosso)

(24) – Minha velha mãe me alertava. Eu fazia que não ouvia, uma vontade de dizer que **safada** por **safada** ela era a mãe dos filhos, disso não tinha dúvida, já estava acostumado às suas luas, como se a desculpa fosse capaz de justificar a ocorrência. (CARVALHO, 2009, manuscrito, *Perdão*, grifo nosso)

O conto *Perdão*, cujo narrador-personagem é avesso a palavrões, é um dos que apresentam menos frequência de palavrões, tendo sido identificadas apenas quatro ocorrências na versão manuscrita e três na versão publicada, sendo eles *cornos*, que não sofreu substituição, *puta*, que foi substituída por *safada* – conforme observamos nos excertos 23 e 24 –, e a lexia *peste*, que estava presente em uma fala da personagem Sinfrônio, foi retirada.

Outro caso de metalinguagem encontra-se no conto *Visão*. Nele, um seminarista viaja para a casa de sua família, no interior, para celebrar o velório de seu avô. No entanto, ao ir ao banheiro, depara-se acidentalmente com uma mulher seminua, que usava o sanitário, e a forma como tal “visão” o impacta, abala suas convicções acerca de seu chamado para a vida sacerdotal. Ao percorrer a propriedade tentando esquecer o que ocorrera, interagindo com familiares e conhecidos que ali estavam para o velório, o seminarista junta-se a uma roda de conversas onde Osmarino, um velho conhecido, entretém a todos com seus causos. No excerto 25, a personagem narra como um homem chamado Etevíno recebera o apelido de *eucalipto* após confundir a sombra da árvore com uma aparição sobrenatural, chegando até mesmo a desmaiar:

¹⁶ De acordo com Maior ([1979] 2010, p.96), “filho da puta” é “a maior ofensa que se pode fazer a outra pessoa”, o que revela o impacto atuante no uso da lexia.

(25) – Até hoje Etelvino é chamado de Eucalipto. Por trás. Na presença, ninguém se arrisca. Quando ouve o apelido, responde com um **palavrão danado**. Levante a saia da mãe que você vai ver o eucalipto, desculpe o doutor seminarista, muito cabeludo, **filho disso e daquilo**. O doutor seminarista, de muitas letras e muitos estudos, há de entender que ninguém suporta chateação e há de perdoar minha linguagem, que sou homem sem leitura, apesar de assinar o nome, no que aprendi na escola de dona Glorinha. (CARVALHO, 2009, p.87, *Visão*, grifo nosso)

A varanda estava repleta de populares, que ouviam as histórias de Osmarino. No entanto, o contador de causos dirige-se apenas ao seminarista para pedir desculpas diante da menção de alguns palavrões de natureza sexual. De acordo com Costa (2016), há sempre uma motivação religiosa responsável pelas palavras-tabu, seja relacionada ao sobrenatural ou ao campo moral. “Essas palavras proibidas são, em geral, substituídas por outras, já que os indivíduos evitam utilizá-las, e, em seu lugar, abundam eufemismos e neologismos que se encarregam de evitar o mal-estar que poderá ser causado por essas expressões” (COSTA, 2016, p. 81).

A figura do seminarista ali presente, por si só, funciona como um regulador de palavras e comportamentos, representando os dogmas da igreja. Diante dele, Osmarino evita mencionar as lexias proferidas por Etelvino, referindo-se a elas apenas como *palavrão danado e filho disso e daquilo*. Esse uso assemelha-se ao empregado na lexia *nome brabo*, descrita por Soares (2011, p. 38) como presente no léxico itabaianense e que tem a função de variante para “palavrão”, além de ser utilizado como um substitutivo para lexias de maior avaliação negativa¹⁷.

Além da função sacerdotal do seminarista, Osmarino destaca que este possui “muitas letras e estudos”, e ao se desculpar pelas palavras utilizadas, justifica-se através de sua condição de semialfabetizado. Dessa forma, nesse excerto os palavrões, além de apresentados como impróprios diante de alguns interlocutores, sobretudo os que possuem

¹⁷ Por exemplo: “Meu colega de turma fala muito palavrão” / “Meu colega de turma fala muito nome brabo” ou “Seu filho da peste” / “Seu filho do nome brabo”. Em “Dia diferente”, há a expressão “nome feio” utilizada em lugar de “palavrão”. O narrador descreve como se sentia a garotinha Isidéria, aliviada diante da ausência dos pais, que a maltratavam: “[...] nenhuma xinga, nenhum cascudo, nem puxavante de cabelo, nenhum nome feio lhe era atribuído” (CARVALHO, 2009, p. 175, grifo nosso).

algum direcionamento religioso e com formação superior, também são estratificados socialmente como relacionados a um grau baixo de escolaridade. Temos um outro caso em que os palavrões são alvo de comentários metalinguísticos e sujeitos a avaliações. No conto *As três filhas de Pedreiro Pedra*, na versão manuscrita, temos a única ocorrência, em toda a obra, da *lexiacomer*.

- (26) – O comentário era maldoso, não se prolatava na presença de ninguém da família, mas, por trás, se dizia que, se Assuélio não tivesse outra missão na vida, a única que se salvara era a de **comer** as filhas de Pedreiro pedra, o que não deixava de ser significativo, porque levar uma para a cama já era muito, quanto mais duas. Comentava-se, mas no início. (CARVALHO, s/d, manuscrito, *As três filhas de Pedreiro Pedra*, grifo nosso)

O conto narra, em terceira pessoa, a história de um homem chamado Assuélio. O comerciante casa com a filha mais velha de um homem chamado Pedreiro Pedra, ficando viúvo em alguns meses e em seguida casando-se com sua irmã, que havia se interessado por ele. Assuélio ficou novamente viúvo após um tempo, dessa vez tendo uma filha, e seu próprio sogro, a fim de manter os negócios em família e evitar que o homem se casasse com uma “estranha”, lhe oferece sua terceira filha, com quem Assuélio se casa e vive junto por muitos anos. O homem ficou novamente viúvo, mas dessa vez já durante sua velhice, não havendo mais filhas de Pedreiro Pedra ou qualquer disposição para um novo casamento. No excerto em destaque, o narrador afirma que os populares comentavam que a missão de Assuélio seria a de *comer* as filhas de Pedreiro Pedra. Na versão publicada, no entanto, o excerto sofreu interessantes modificações:

- (27) – O comentário era maldoso, não se prolatava na presença de ninguém da família, mas, por trás, se dizia que, se Assuélio não tivesse outra missão na vida, a única que se salvara era a de **casar** com as filhas de Pedreiro pedra, o que não deixava de ser significativo, porque levar uma para a cama já era muito, quanto mais duas. **Comentava-se, mas no início, com a utilização de uma linguagem pesada, que, aqui, não convém adotar.** (CARVALHO, 2009, p. 181, *As três filhas de Pedreiro Pedra*, grifo nosso)

A lexia *comer* foi retirada do excerto, e, por conseguinte, da versão publicada, uma vez que era a única ocorrência em todo o conto. O autor a substituiu por *casar*, além de adicionar à narração, ao fim do parágrafo, a observação de que os populares se utilizavam de uma “linguagem pesada”, que “não convém adotar”. Temos, aí, mais um caso de juízos de valor em relação aos palavrões.

O próximo caso de metalinguagem ocorre no conto *O casamento de Esterlito*. Nele, narra-se um acontecimento que causou grande espanto em uma pequena cidade interiorana de Sergipe: Floduarda, “moça falada, sem água pra se lavar, encontrara um besta pra limpar o nome” (CARVALHO, 2009, p. 197). A jovem iria se casar com Esterlito, conhecido rapaz que tinha “faculdades mentais deficientes”.

(28) – Até a mancha preta, na coxa esquerda, perto da... , quem sabe lá, o nome não digo porque **alguma pessoa séria vai ficar escandalizada**. Além do quê, não sou médico para apontar o termo científico, que nem sei o nome. Deixa para outra ocasião, que só faltava cantador popular para enaltecer as proezas e fome da **bandida** na arte de... Também não completo. **Não é tudo que ouço que passo adiante**” (CARVALHO, 2009, p.198, *O casamento de Esterlito*, grifo nosso).

Nesse conto, o narrador, apesar de ser em terceira pessoa e não fazer parte diretamente da história (narrador-personagem), posiciona-se enquanto familiar à história, se inserindo no enredo através de suas opiniões e assumindo o papel de um contador de causos, oriundo da região onde ocorrem os fatos. Semelhantemente à personagem Osmarino, a voz narrativa evita algumas nomeações, dessa vez referentes à genitália feminina, para “não escandalizar pessoas sérias”.

O estigma que atua sobre algumas lexias, consideradas impróprias, envolve também as genitálias humanas, uma vez que, com exceção do período clássico, o sexo sempre constituiu um tabu (ORSI, ZAVAGLIA, 2012). Silva (2022) analisou as concepções para *vagina/vulva* e *pênis* no Dicionário InFormal, chegando a 1648 acepções, e os resultados de sua pesquisa atestaram uma maior quantidade de eufemismos e metáforas para as genitálias femininas em relação aos órgãos sexuais masculinos. A diversidade de variantes para os órgãos sexuais denota o estigma que acarreta sua pronúncia, sendo necessária a substituição por outras lexias.

Além de evitar a menção à genitália feminina, o narrador recusa-se a fazer uso de certas lexias referentes à sexualidade, afirmando que “Não é tudo que ouço que passo adiante”. Além disso, a lexia “bandida” é direcionada à mulher em virtude de suas práticas sexuais. Ao realizarmos a busca no dicionário InFormal, encontramos apenas duas definições enviadas pelos usuários, ambos do sexo masculino e que caracterizam com tal lexia uma mulher *promíscua, dada*¹⁸. De forma semelhante, a definição para *bandida* no Dicionário Michaelis (2020) descreve a lexia como uma forma coloquial para *prostituta*¹⁹. Com isso, observamos como a escolha de determinadas lexias reverberam valores sociais e julgamentos impostos às mulheres.

O narrador do conto, ao fazer tais escolhas, assume uma postura tradicional, não proferindo palavras torpes a fim de não “escandalizar pessoas sérias”, bem como reprovando comportamentos sexuais da mulher. Em contrapartida, além de *bandida*, este mesmo narrador traz alguns palavrões em sua narrativa, sendo eles: *cachorra*, proferido pela personagem Deuzinha e direcionado à noiva; *safado*, pensamento reportado da escritã Dona Nereta e direcionado a um dos amantes de Floduarda; e *rapariga*, também pensamento reportado da escritã, e direcionado à amante do prefeito. Essas lexias, ao contrário de lexias referentes às genitálias femininas e atividades sexuais de Floduarda, não são evitadas pelo narrador, o que revela uma maior avaliação social negativa imposta a estas últimas.

No conto *Explicação*, temos um diferente caso de metalinguagem, no qual traços variáveis da língua são associados a atos criminosos. Narrado em terceira pessoa, a história gira em torno do misterioso cancelamento de um casamento no dia de sua realização, acontecimento que se tornou alvo de comentários por toda a pequena cidade, uma vez que a noiva pertencia a uma família importante na região. Os populares, buscando desvendar o mistério por trás do cancelamento, tecem suas hipóteses. No excerto a seguir, temos a opinião do vereador Erectiano Paraíso:

- (29) – De minha parte, depois que conversei, demoradamente, com o delegado Nadelfo, tenho pra mim, cá pra nós [...], que o noivo,

¹⁸ <https://www.dicionarioinformal.com.br/bandida/>. Acesso em: 20 Ago 2022.

¹⁹ <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/bandida/>. Acesso em: 20 Ago 2022.

na verdade, é um foragido da justiça, ou por crime cometido ou por pertencer ao quadro dos traficantes cariocas de drogas. Eu sempre achei, apesar dos poucos contatos tidos, que o rapaz puxava uma **gíria que homem de bem não usa**. (CARVALHO, 2009, p. 99, *Explicação*)

Nesse caso de avaliação social da língua, um delegado e um vereador de uma pequena cidade sergipana atribuem a utilização de certas gírias à criminalidade. O noivo era oriundo do Rio de Janeiro, e variantes utilizadas por ele foram sujeitas à estratificação social. Segundo Generali (2011, p. 34) “O estereótipo não é apenas um conjunto de características reais, mas uma carga de juízo social que se aplica a tudo e a todos, durante todos os momentos do dia, de acordo com concepções comuns dentro de cada agrupamento”. No excerto observado, essa carga de juízo social é tão forte que apenas traços linguísticos do repertório do rapaz foram utilizados como argumento para relacioná-lo ao tráfico. Temos, então, um caso de estereotipação.

Nessa seção, observamos a consciência sociolinguística do autor de *Feijão de Cego* através da representação, nos diálogos de sua obra, dos juízos valorativos de preconceito e estigma que circundam o uso de palavras, sendo tais usos associados a outros traços e características sociais também estigmatizadas. Enquanto falantes, avaliamos positivamente ou negativamente formas linguísticas, influenciados por valores e crenças cultivadas em sociedade. Através do excerto trazido acerca da comunicação pessoal com o autor de *Feijão de Cego*, tivemos acesso a algumas de suas opiniões pessoais acerca de algumas lexias, e detectou-se que, enquanto participante de comunidades de fala itabaianenses, o autor manifesta reprovação a alguns palavras, a exemplo de *fi do canço*, ao passo que demonstra maior tolerância a outros, como *cabrunco* e *peste*. Tais avaliações influenciaram as escolhas lexicais realizadas durante a escrita e construção de *personas* nos contos. A diminuição significativa de *peste*, embora tenha sido descrita como lexia mais leve pelo autor, revela a influência de seu monitoramento em virtude de uma provável preocupação com a recepção do público leitor. Nos diálogos das personagens, os valores sociais e as descrições metalinguísticas revelaram as diversas nuances que envolvem o comportamento linguístico e a associação da linguagem a outros aspectos sociais em um processo de estereotipia. Esses fatores nos mostram como, mesmo em análises de

diálogos fictícios, temos pistas acerca de fenômenos reais da língua, e mais especificamente da consciência sociolinguística do autor.

6 Considerações finais

Nessa pesquisa, buscamos observar o monitoramento e consciência sociolinguística de um autor em sua obra. Comparamos diferentes materiais linguísticos de um mesmo indivíduo em busca de marcas de monitoramento linguístico. Os resultados evidenciaram que os efeitos do monitoramento linguístico do autor resultaram na retirada e/ou diminuição da frequência de palavrões na versão publicada, que referiam-se a lexis sexuais mais estigmatizadas, a exemplo de *puta*, *cu*, e *comer*, o que indica uma busca por uma linguagem mais leve, a fim de não chocar o público leitor e causar seu afastamento. No entanto, se sobressai a diminuição expressiva de *diabo* e lexis relacionadas (de 30 para 1) e *peste* e *filho/fi da peste* (de 24 para 2), que eram os palavrões mais frequentes na versão menos monitorada da obra, e, por isso, podemos inferir que são lexis comuns ao repertório linguístico do autor, e que este não manifesta reprovação a estas.

Como possíveis explicações para sua quase total retirada na versão publicada, temos o seguinte: *diabo* é uma lexis alvo de forte estigma, sobretudo em uma sociedade de crenças judaico-cristãs. Já *peste* faz parte da classe das doenças, mas constitui uma lexis também relacionada ao campo religioso, bastante presente nos textos bíblicos e sendo relacionada à maldição e ao castigo divino. Como hipótese, temos o fator conservador e religioso que permeia sobretudo as sociedades interioranas, entre as quais se inclui a comunidade sergipana, da qual o autor faz parte. No entanto, fazem-se necessárias pesquisas que tomem estas e outras lexis que constituem palavras-tabu em sociedades interioranas tais como a sergipana e investiguem a avaliação social e os valores e crenças sustentadas pelos falantes, para que possamos confirmar ou refutar tal hipótese.

Temos, também, a presença de avaliações valorativas de estigma evidenciadas através da fala de algumas personagens. Nelas, os palavrões, enquanto marcas linguísticas alvo de forte estigma social, são reprovados e relacionados à pobreza, à falta de educação, e à grosseria. Esse comportamento observado em uma narrativa fictícia representa avaliações sobre a língua que ocorrem em sociedade, sendo as palavras-tabu carregadas de valores, crenças e estigma a elas

atribuídas, e a representação de tais fenômenos na obra *Feijão de Cego* revela a consciência linguística do autor. Enquanto falantes, avaliamos positivamente ou negativamente formas linguísticas, influenciados por valores e crenças cultivadas em sociedade. Através dos relatos do autor de *Feijão de Cego*, detectou-se que, enquanto participante de comunidades de práticas itabaianenses, este manifesta reprovação a algumas lexias, a exemplo de *fi do canço*, ao passo que demonstra maior tolerância a algumas outras, como *cabrunco* e *peste*, e tais avaliações influenciaram as escolhas lexicais realizadas durante a escrita e, conseqüentemente, na construção de *personas* nos contos.

A presença de lexias ligadas ao campo das doenças nos diálogos das personagens de *Feijão de Cego*, sobretudo através de “peste”, muito frequente no manuscrito, indica que esses palavrões são presentes no repertório linguístico itabaianense e, sobretudo, sergipano, corroborando com os resultados das pesquisas de Freitag, Santos e Santos (2009) e de Soares (2011). No entanto, a ausência de *fi do canço*, palavrão reconhecido regionalmente como marca identitária de Itabaiana/SE, se dá mesmo no manuscrito da obra, uma vez que o autor manifestou reprovação em relação à lexia, caracterizando-a como *termo pesado/chulo*.

Sendo assim, esta pesquisa se alinha aos estudos que contribuem para o desvelamento das relações entre saliência e atitudes sociolinguísticas e a consciência sociolinguística, entendida como a consciência da existência de formas variáveis na língua e de seu significado social e/ou estilístico em relação aos contextos de uso, relações sociais e identidades pessoais. (FREITAG 2016; FREITAG, 2021; PINHEIRO, MENEZES, FREITAG, 2020;).

A observação de marcas linguísticas de forte estigma social como os palavrões é propícia para o acesso à consciência sociolinguística, uma vez que o monitoramento linguístico em *Feijão de cego* se dá tanto em virtude dos valores e crenças do autor, como também para fins de polidez linguística, visando uma melhor aceitação do público leitor, sendo essas duas perspectivas, muitas vezes, de difícil delimitação.

Referências

BELL, A. Language Style as Audience Design. *Language in Society*, v. 13, n. 2, 1984, p. 145–204. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/4167516>. Acesso: 17 ago. 2022. DOI: 0047-4045/84/020145-60

Bíblia Thompson. Trad. de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Editora Vida, 2014.

BURGOS, P. A ciência do palavrão: o que está por trás dos xingamentos mais comuns. *Superinteressante*. [S.l.], 2020. Disponível em: <https://super.abril.com.br/ciencia/a-ciencia-do-palavrao/>. Acesso: 02 ago. 2022.

CAMBRAIA, C. N.; MARENGO, S. M. D. A. Estudo socioterminológico da variação/mudança em manuscritos militares dos séculos XVIII E XIX. *Interdisciplinar-Revista de Estudos em Língua e Literatura*, São Cristóvão, Dossiê Especial, n. 24, 2016, p. 203-224. Disponível em: <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/5415>. Acesso: 08 jun. 2022.

CARVALHO, V. S. *Feijão de Cego* – Contos Sergipanos. Curitiba:Juruá, 2009.

CARVALHO, V. S. *Feijão de Cego*. Versão manuscrita. s/d.

CORREIA, F. B. Implicações da variação pronominal e das formas de tratamento na construção das personas de História da Minha Infância, de Gilberto Amado. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 30, n.2, p. 519-544, 2022. DOI: 10.17851/2237-2083.27.4.519-544.

COSTA, G. B. da. *Denominações para “diabo” nas capitais brasileiras: um estudo geossociolinguístico com base no Atlas Linguístico do Brasil*. 199f. 2016. Tese (Doutorado em Língua e Cultura) – Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, Universidade Federal da Bahia. Salvador. 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/26653>. Acesso: 02 ago. 2022.

Dicionário InFormal. *Dicionário Online*. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>.

ECKERT, P. Variation and the indexical field. *Journal of Sociolinguistics*, Oxford, v. 12, n. 4, 453-76, 2008. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/j.1467-9841.2008.00374.x>. Acesso: 08 jun. 2022. DOI: 10.1111/j.1467-9841.2008.00374.x.

ECKERT, P. Three waves of variation study: the emergence of meaning in the study of sociolinguistic variation. *Annual Review of Anthropology*.

Palo Alto, v. 41, 2012, p. 87-100. DOI: <https://doi.org/10.1146/annurev-anthro-092611-145828>.

ECKERT, P.; MCCONNEL-GINET, S. Communities of practice: Where language, gender and power all live. In: HALL, K.; BUCHOLTZ, M.; MOONWOMON, B. (eds.). *Locating Power, Proceedings of the 1992 Berkeley Women and Language Conference*. Berkeley: Berkeley Women and Language Group, 1992, p. 89-99.

FREITAG et al. Como o brasileiro acha que fala?. *Signo y Seña*, Buenos Aires, n. 28, p.65-87, 2015. Disponível em: <http://revistas.filo.uba.ar/index.php/sys/index>.

FREITAG, R. M. K. O desenvolvimento da consciência sociolinguística e o sucesso no desempenho em leitura. *Alfa: Revista de Linguística*, São Paulo, v. 65, n.65, 2021. DOI: 10.1590/1981-5794-e13027.

FREITAG, R. M. K. Uso, crença e atitudes na variação na primeira pessoa do plural no Português Brasileiro. *D.E.L.T.A: Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada*, São Paulo, v. 32, p. 889-917, 2016. DOI: 10.1590/0102-44506992907750337.

FREITAG, R. M. K.; SANTOS, J. C.; SANTOS dos, S. Fio do Canço: marca linguística identitária do itabaianense. *InterSciencePlace*, v. 1, n. 5, 2009.

GENERALI, S. C. *MV Bill e o diálogo do tráfico: monitoramento de fala, estilo, identidade e preconceito linguísticos*. 2011. 170f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Sergipe (UFS). São Cristóvão, 2011. Disponível em: <https://ri.ufs.br/jspui/handle/123456789/5782>.

GRENZER, M. Peste e epidemia: Configuração poética e reflexão teológica no Salmo 91. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v.60. n.2. P. 433-445. 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.22351/et.v60i2.4037>.

MAIOR, M. S. *Dicionário do palavrão e termos afins*. 8. ed. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2010.

MARQUES, W. de S.; OLIVEIRA, T. S. de. A cultura e a identidade materializadas nas crônicas de Winston Churchill Rangel: análise

descritiva do léxico de Campos dos Goytacazes. *Palimpsesto*, v. 17, n. 28, p. 53-71, 2018. DOI:10.12957/palimpsesto.2018.36650.

MENEGUETTI, S. T.; TULLIO, C. M. Entre palavras e palavrões caminha a humanidade: Interfaces linguístico-discursivas. In: SOUSA, A.W.V. (ed.). *Linguística, letras e artes e sua atuação multidisciplinar 2* [recurso eletrônico]. Ponta Grossa, PR: Atena, 2020. DOI: 10.22533/at.ed.067202307.

MICHAELIS. *Dicionário Online*. Editora Melhoramentos. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br>.

ORSI, V. Tabu e preconceito linguístico. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, Cidade, v. 9, n. 17, p. 334-348, 2011. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/122427>. Acesso em: 22 Set 2022.

ORSI, V.; ZAVAGLIA, C. Itens lexicais tabus: usá-los ou não. Eis a questão. *Revista Todas as Letras*, São José do Rio Preto, v. 14, n. 2, p. 156-166, 2012. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/122502>. Acesso em: 22 Set 2022.

PINHEIRO, B. F. M.; MENEZES, L. C. F.; FREITAG, R. M. K. Palavras-tabu e efeitos de gênero na leitura. In: LIMA, M.E.O.; FRANÇA, D.X.; FREITAG, R. (eds.). *Processos psicossociais de exclusão social*. São Paulo: Blucher OpenAccess, 2020.

PRETI, D. *Sociolinguística: os níveis de fala: um estudo sociolinguístico do diálogo na literatura brasileira*. 6. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1987.

POTTIER, B. et al. *Estruturas lingüísticas do português*. São Paulo: Difel, 1975.

R CORE TEAM (2022). R: A language and environment for statistical computing. *R Foundation for Statistical Computing*. Vienna, Austria. Disponível em: <https://www.R-project.org/>.

REZENDE, J. M. de. *À sombra do plátano: crônicas de história da medicina* [online]. São Paulo: Editora Unifesp, 2009. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788561673635.0008>. Acesso: 02 ago. 2022.

SANDMANN, A. J. O palavrão: formas de abrandamento. *Revista Letras*, Curitiba, v. 42, p. 221-226, 1993. DOI: 10.5380/rel.v42i0.19127.

SANTOS, R. C. Z.; FILHO, N. L. Z. Violência, palavrões & Cia no conto “O cobrador”, de Rubem Fonseca. *Revista Guará-Revista de Linguagem e Literatura*, Goiânia, v. 8, n. 2, p. 189-200, 2018. DOI: 10.18224/gua.v8i2.6575.

SILVA, V. L. S. *Representações sociais e questões de gênero: análise das nomeações genitais no dicionário InFormal*. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal de Sergipe, 2022.

SOARES. T. de A. “*Fi do Canço*” marca identitária do Itabaianense: Uma abordagem sociolinguística. 2011. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Sergipe. 2011.

SOUZA, C. F. de. Falares da Planície Goitacá no ciberespaço: documentando o linguajar proveniente da Baixada Campista. *Revista VÉRTICES*, Campos dos Goytacazes, v.17, n.1, p. 41-57, 2015. DOI: 10.5935/1809-2667.20150003.

SWINGLER, D. D. *Tabu linguístico: mapeamento das atitudes relacionadas a palavrões e à influência que os fatores sociais, conversacionais, emocionais e de identidade exercem no seu uso cotidiano*. 2016. 168f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal da Paraíba, 2016.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. [1968]. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola, 2006.